

Maneco Quinderé



No teatro ou na arquitetura, lighting designer vê a iluminação como um canal para se comunicar com as pessoas e expressar suas emoções.

Entrevista concedida a Claudia Sá

Seu nome verdadeiro é Manoel Castello Branco. Como surgiu o apelido Maneco Quinderé?

Foi o Aurélio de Simoni (iluminador) quem criou, porque na minha casa as pessoas me chamavam de Maneco e a minha mãe se chama Fernanda Quinderé: ele juntou os dois nomes e me batizou artisticamente.

Em que cidade do Piauí você nasceu? Em que ano chegou ao Rio de Janeiro e por que decidiu morar na Cidade Maravilhosa?

Eu nasci em Teresina, capital. Mudei para o Rio com a minha família, em junho de 1978, porque minha mãe aceitou um convite para trabalhar na UniRio [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro], na faculdade de Teatro.

Você tinha quantos anos, na época?

Eu estava com 15 anos.

Antes de se tornar lighting designer, chegou a exercer outros ofícios? Quais?

Iniciei minha carreira como contra-regra de teatro e, logo em seguida, passei a ser eletricitista, operador de luz, depois assistente e assim foi...

Conte-nos como foi o início de sua carreira como iluminador.

Comecei a assinar meus projetos em 1982, dois anos depois de começar a trabalhar com iluminação. Logo no primeiro espetáculo, chamado Morangos e Lunetas, ganhei um prêmio e, em 1985, assinei a luz da peça "Tupã, A Vingança", que foi um grande sucesso, escrita por Mauro Rasi e dirigida por Miguel Falabella.

Quando passou a atuar em iluminação arquitetônica? Como aconteceu?

Há dez anos, recebi um convite para fazer a iluminação de um apartamento cuja arquitetura era do Claudio Bernardes e Paulo Jacobsen e, logo depois desse trabalho, o Antonio Bernardo [badalado joalheiro carioca] me chamou para desenvolver os projetos de iluminação das lojas dele.

Existe muita diferença entre iluminar palcos e arquitetura?

Muita diferença no que diz respeito às formas de iluminar e aos aparelhos que se utiliza em cada área. Mas o olhar é o mesmo. Em ambos, tem que haver a sensibilidade, o olhar atento ao que está em volta, à subjetividade, pois esta função está pouco ligada ao que é fisicamente palpável, mas, ao que é sentido, percebido.

Como é o mercado da iluminação no Rio de Janeiro?

Ele está aquecido, mas falta um pouquinho de consciência dos arquitetos em relação aos projetos de luz para arquitetura. Eles precisam olhar com outros olhos os escritórios de profissionais de iluminação, para notar que a gente contribui com boas idéias, que rendem bons resultados.

Em sua opinião, os projetos de iluminação ainda são pouco valorizados pelo setor?

Acho que falta um pouco de conhecimento e isso gera o medo, pois quando a pessoa não conhece a área, não se arrisca, prefere apostar na opção mais segura. Muitos arquitetos encomendam projeto a lojas de luminárias, por exemplo, mas eu acho que não é uma boa escolha, pois um escritório de projeto tem um olhar mais estudioso, mais preocupado com o resultado e não vinculado à venda de produtos.

Você faz parte de alguma associação de classe, nacional ou internacional?

Considero essas associações importantes, mas não faço parte de nenhuma, porque eu não cursei nada, não sou formado, e elas exigem o mínimo de formação.

Você coleciona uma série invejável de prêmios em iluminação cênica. É nos palcos dos teatros que você prefere expressar sua arte? Ou a arquitetura, hoje, é também um palco pra você?

Eu encaro tudo no mesmo patamar, pois o que quero é me comunicar com o mundo através do meu ofício. Esse é o jeito que tenho de me expressar. É por meio da luz que transmito para as pessoas o que eu sinto. ◀